

MONSENHOR AIROSA — PEDAGOGO-EMPRESÁRIO. HISTÓRIA DO COLÉGIO DE REGENERAÇÃO DE BRAGA (1869-1931)

ERNESTO PORTUGUÊS

Resumo: *O Colégio de Regeneração de Braga, votado à reabilitação de mulheres jovens e adultas socialmente marginalizadas, restituindo-lhes a autoestima e inserindo-as na sociedade, apresenta um carácter inovador, muito devido ao projeto educativo do seu fundador, Monsenhor Airoso.*

Os objetivos deste texto passam por: elaborar uma biografia crítica de Monsenhor Airoso; explicar as razões da fundação desta instituição, num complexo contexto social, político e religioso; analisar as tensões permanentes entre fundador e instituição; conhecer a estrutura organizacional e o funcionamento da instituição; historiar a instituição no período de 1869-1931, na sua dimensão pedagógica, económica, biográfica e sociopolítica, articulando as diferentes temporalidades; avaliar a relevância e o significado histórico dos primeiros 62 anos de vida da instituição e explicar o processo de formação progressiva e não linear desta individualidade: o pedagogo-empresário.

Palavras-chave: *Projeto educativo; Instituição educativa; Dignidade; Liberdade; Autonomia.*

Abstract: *Colégio de Regeneração of Braga, dedicated to the rehabilitation of socially marginalised young and adult women, restoring their self-esteem and inserting them in society, has an innovative character, much due to the educational project of its founder, Monsignor Airoso.*

The goals of this text are: to elaborate a critical biography of Monsignor Airoso; to explain the reasons for founding this institution, in a complex social, political and religious context; to analyse the permanent tensions between founder and institution; to know the organizational structure and functioning of the institution; to make a history of the institution between 1869 and 1931, in its pedagogical, economic, biographical and sociopolitical dimension, articulating the different temporalities; to evaluate the relevance and historical significance of the first 62 years of the institution's life and to explain the progressive and non-linear formation process of this individuality: the pedagogue-entrepreneur.

Keywords: *Educational project; Educational institution; Dignity; Freedom; Autonomy.*

INTRODUÇÃO

É com muito gosto que participo neste Encontro porque se realiza em Braga e, ainda, porque vou falar de uma instituição que está a celebrar os 150 de vida e que foi objeto da minha tese de doutoramento, apresentada e defendida na Universidade de Lisboa, em 2015, sob orientação científica do Prof. Doutor Justino Magalhães.

Nada trarei de novo em matéria teórica. Penso, todavia, que o interesse residirá mais no processo de construção da tese. O importante, no meu entender, não será propriamente o resultado, mas o processo. Não sendo um académico, talvez o meu testemunho possa reverter num qualquer contributo para a orientação de eventuais teses no âmbito da História das Instituições.

1. DO PROJETO DE UMA MONOGRAFIA A UMA TESE DE DOUTORAMENTO

A ideia de doutoramento nunca foi para mim uma obsessão. A verdade, porém, é que, depois do mestrado (também sobre uma instituição de Braga, em 1998)¹, nunca perdi de vista o meu Orientador.

Em 2005, apoiou a minha ida e a apresentação de uma comunicação ao *VIII Congresso de História da Cultura Escrita*, em Alcalá de Henares, onde apresentei uma comunicação sobre os cadernos de um Barbeiro de Monção, intitulada «Do caderno de contas à escrita do eu: Memórias de um barbeiro do Alto Minho (1894-1938)», e, em 2010, escreveu o prefácio para a publicação da obra que, entretanto, havia elaborado².

Ora, em 2008 estava eu a fazer voluntariado no Instituto Monsenhor Airosa (IMA) e logo o Presidente da Direção me solicitou a escrita de uma monografia que abrangesse os 140 anos de atividade dessa instituição, fundada pelo Padre João Ferreira Airosa, inicialmente denominada como Casa d'Abrigo/Colégio de Regeneração, que, na passagem do primeiro centenário da sua fundação, tomaria o nome do Fundador. A primeira constatação, para frustração de todos, foi esta: não havia arquivo histórico.

Chegou-se, então, à conclusão de que a documentação existente poderia ter ido no conjunto da biblioteca do último diretor do IMA que, recentemente, se havia retirado para uma instituição da cidade de Braga, o Lar Conde de Agrolongo. A sua morte inesperada deixou-nos muito preocupados. Depois de um processo moroso e complicado de contactos com os dirigentes dessa instituição conseguimos, numa primeira fase, proceder à triagem e separação do material que aí existia e era, efetivamente, pertença do IMA, sendo devidamente acondicionado para ser trasladado para o local de onde nunca deveria ter sido retirado. Foi então possível reunir, adicionalmente, algumas publicações, dispersas pelos muitos recantos do edifício do IMA, em ordem à constituição do Arquivo.

¹ PORTUGUÊS, 1998.

² PORTUGUÊS, 2010.



Fig. 1. Obra *Do Convento ao Instituto. Portas para a Vida*
 Fonte: PORTUGUÊS, coord., 2011

Depois da criteriosa escolha do melhor local para a instalação do Arquivo e Biblioteca, rapidamente se procedeu ao trabalho de arrumação e acondicionamento com recurso a um licenciado em História, em regime de voluntariado, e sob minha orientação.

Em 2010, depois desse trabalho prévio e sumário, comecei a ter algumas bases para organizar a desejada obra monográfica, com as fontes de que então dispunha. A pressão era muita e o tempo curto. O projeto era muito ambicioso e abarcava um período de 380 anos, ao pretender abranger não só o historial do Colégio de Regeneração, mas também o historial do Convento/Mosteiro da Conceição, de Braga. Tarefa impensável para uma pessoa só, pelo tempo abrangido e pela diversidade temática. Pensei, então, numa obra coletiva, com a colaboração de credenciados investigadores em várias áreas do saber, a que demos o nome de *Portas para a Vida*³. Assim, no mês de maio de 2010, quando estava a trabalhar a ideia, e tendo de me deslocar a Lisboa, aproveitei para colher a opinião do Doutor Justino. Depois de um olhar atento sobre o projeto, deu o seu pronto aval, dizendo-me que eu tinha ali meia tese de doutoramento.

Não me convenceu nem me deixei entusiasmar com a ideia porque a minha atenção estava voltada para o projeto que havia assumido com a Instituição. E também porque o arquivo de que dispunha, naquele momento, não me parecia suficientemente

³ A obra *Do Convento ao Instituto. Portas para a Vida* reúne trabalhos de 22 autores/colaboradores, onde se inclui um bom número de académicos das Universidades do Minho, Porto e Católica e, ainda, da Academia de História. O resultado desta obra é, sem dúvida, um hino à generosidade.

expressivo para um trabalho dessa envergadura. Todavia, ainda em Lisboa, fui pensando na ideia do Professor. A viagem para Braga, de comboio, ajudou a amadurecer a ideia que, no entanto, ainda não passava de um sonho. Mas, no dia seguinte, enviei uma mensagem a dizer-lhe que ia pensar muito seriamente na hipótese.

Estávamos no mês de maio de 2010. A obra projetada foi lançada em dezembro de 2011 e em fins de janeiro de 2012 estava eu a defender a proposta de tese, em Lisboa, no Instituto de Educação.

2. FORMAÇÃO E INSTALAÇÃO DO ARQUIVO

Depois de um conhecimento sumário do «caos» documental — constituído por impressos e manuscritos, e ainda pela diversidade de livros pertencentes ao Colégio de Regeneração e aos dois primeiros Diretores — foi necessário estabelecer um plano prévio de trabalho para dar sentido e organização a esse caótico conjunto. Escolhido o local e o tipo de estantes, procedeu-se à arrumação do material, ainda que sem base em cânones erudito-especulativos, tendo como critério um cânone utilitarista, ou seja, o objetivo primeiro visava «tentar arrumar a casa» buscando consistência e coerência científicas para as peças recolhidas⁴.

Nessa primeira fase houve, também, a preocupação em fazer um mapeamento organizador e classificador dos temas de pesquisa que seria efetuada em todos os cantos da Casa, já que, em história, como diz Certeau, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em «documentos» certos objetos distribuídos de outra maneira⁵, tendo em conta ainda que a descoberta de documentos, até então inacessíveis, permite fazer uma nova leitura ou corrigir as antigas⁶. Esta operação deu-me a conhecer a existência de outros acervos, correspondentes ao ciclo vital das informações: o arquivo corrente e o arquivo intermediário.

Justino Magalhães adverte que arrumar o caos é destruir o arquivo⁷. Esta ideia, aparentemente paradoxal, tem de estar bem presente na construção/reconstrução de um arquivo, trabalho que deve ser realizado com atenção e respeito por esses valores imateriais e identitários da instituição que os documentos representam, avaliados com prudência e um olhar cuidadoso, com a extrema sensibilidade que deve existir perante a desordem e o caos, porque o fundo de arquivo de uma instituição é o reflexo da sua história e das suas vicissitudes. Criar um arquivo é sinónimo de ordenação e há que dar a máxima atenção aos maços de documentos espalhados que podem guardar uma coerência interna e determinada inteligibilidade que, fora do seu contexto, pode ser anulada.

⁴ SILVA, 2009: 47.

⁵ CERTEAU, 2011: 69.

⁶ DOSSE, 2009: 113.

⁷ ALMEIDA, 2005: 27.

Assim, o primeiro passo foi no sentido de observar, valorizar, estar atento, o que me levou à busca pelos quatro cantos da Casa e me deu a conhecer uma outra realidade que desconhecia: a existência de um conjunto de obras que foram pertença do Convento da Conceição e que, agora, depois da retirada da biblioteca do último diretor, se encontravam em duas estantes numa pequena sala da Torre Conventual, onde continuam a permanecer, agora com o nome de *Livraria do Convento*⁸.

Foi ainda essa tomada de consciência que levou a Direção da Casa à recuperação de um *Livro de Atas*, já dos anos 60 do século XX, que andava perdido numa sala de arrumos, e que permitiu a constituição da série completa das Atas da Direção, além da recuperação de uma grande quantidade de livros de contabilidade, plantas e orçamentos de obras, além de muitos papéis soltos e anotações várias.

O despertar para a importância dos documentos que fazem parte da memória desta Instituição provocou na Direção, e nos demais responsáveis, a ideia de reunir e preservar tudo o que pudesse contribuir para o estudo dessa memória. Foi assim que foi igualmente possível refazer as séries completas de duas publicações internas — «Convívio» e «Areia Nova» — e tomar conhecimento da série completa dos Livros de Registo de Admissão (com registos de entrada e de saída), além de dois espólios fundamentais para o estudo da tecelagem e dos bordados — duas das artes fundamentais que o Fundador criou para o processo educativo de «regeneração» das acolhidas. Trata-se de várias centenas de moldes e desenhos, muitos deles trazidos de França, da Fábrica Jacquard (Lyon), onde o Fundador fez a sua aprendizagem de tecelão.



Fig. 2. Vista parcial do Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airoso (ABIMA)

Fonte: Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airoso

⁸ Esta Livraria Conventual, para além de um conjunto significativo de paramentaria e objetos afetos à Liturgia, foi das poucas coisas que ficaram depois da morte da última Abadessa, ocorrida a 28 de julho de 1883. Foram inventariadas cerca de quatro centenas de obras de Teologia e Espiritualidade, Ascética e Mística, mas também obras da área humanista, abrangendo os séculos XVI-XVIII.

O arquivo histórico, agora criado, reúne os fundos da Casa d'Abriço, Colégio de Regeneração, Instituto Monsenhor Airoso, Padre João Airoso, Padre Peixoto Braga, Monsenhor Costa e Silva e Cónego Doutor António da Costa Lopes, além de documentação referente ao antigo Convento da Conceição, que agora se incorporaram num só Fundo⁹.

Foi ainda encontrado um considerável espólio fotográfico relativo a dois períodos, distantes no tempo, correspondentes à direção do Padre Airoso (até 1931) e à direção do Doutor Costa Lopes (1969-1999). Essas coleções, memória de instantes concretos e transitórios, documentam e testemunham, sobretudo, acontecimentos sociais vividos na instituição nesses períodos marcantes.

A instalação do Arquivo/Biblioteca do IMA e da Biblioteca do Doutor Costa Lopes¹⁰ exigiu um esforço financeiro acrescido à instituição, com a aquisição de estantes, caixas de arquivo, computador, impressora, reestruturação da eletrificação da sala, etc.



Fig. 3. Vista parcial da Biblioteca Doutor Costa Lopes
Fonte: Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airoso

Depois deste processo, que durou alguns meses, passou-se para uma primeira tentativa de inventariação: numeração e registo, numa base de dados, em Excel, dos livros da Biblioteca do IMA e dos documentos em formato de livro; organização dos documentos, agrupados por temas, dentro de uma folha dupla de papel-manteigueiro,

⁹ Os quatro mencionados eclesiásticos, incluindo o Fundador, formam o ciclo dos *Padres Diretores* que vigorou desde a fundação até ao ano 2000.

¹⁰ Esta biblioteca, avaliada em cerca de 8000 volumes, ainda em fase de inventariação, depois de um complexo processo referente à herança, acabou por retornar à sua origem e está hoje instalada no espaço onde se encontra o Arquivo e a Biblioteca do Instituto Monsenhor Airoso (ABIMA).

e arquivados em caixas; inventariação das secções de imprensa e teatro; numeração e identificação das caixas de arquivo; organização de um guião, por temas, das caixas de arquivo; elaboração de resumos da série completa das Atas da Direção.

3. FASE DA INVENTARIAÇÃO

O primeiro grande problema a resolver, depois do processo de recolha, foi encontrar a estrutura mais adequada à inventariação das peças. O trabalho de arquivo não é mais que pôr em ordem o caos, aparente ou real, dos documentos, e torná-lo útil à instituição e a outros eventuais utilizadores. E é uma constante, na prossecução desta ordem, criar esquemas classificatórios e «objetos culturais» que sirvam para homogeneizar este caos, a desordem natural, fruto da acumulação pautada ao ritmo da vida dos organismos e das pessoas¹¹.

Detentor dos elementos essenciais que deveriam integrar a ficha descritiva, baseado no parecer de uma arquivista, elaborei um esboço que coloquei à consideração dos dois colaboradores que, nesse momento, já se encontravam a trabalhar na organização. Ponderados todos os pormenores, o projeto foi aprovado pela Direção. Depois de solicitados os necessários orçamentos, procedeu-se à sua impressão; as fichas estão preenchidas, a lápis.


Cota _____ Estante _____ Prateleira _____	
Título _____	
Tipo de documento _____	
Datas extremas ____/____/____ // ____/____/____	
Conteúdo _____	
Tipologia : Original _____ Cópia _____ Manuscrito _____ Impresso _____ Minuta _____	
Dimensões _____ x _____ N.º de folhas _____	
Estado de conservação: Bom _____ Razoável _____ Mau _____	
Secção _____ Série _____	

Fig. 4. Ficha de Inventário da Biblioteca do IMA
Fonte: Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airoso

O trabalho de classificação, iniciado em 2013, está concluído, com a colaboração e persistência de dois voluntários. Todavia, a ficha manual, de certo modo insubstituível, não é suficientemente ágil para facilitar o acesso ao documento. Neste momento está a ser feito o registo informático, previsto desde o início, para uma consulta rápida e eficiente.

¹¹ BORJA AGUINAGALDE, 2013: 32.

O arquivo produz conhecimento e continua a ser explorável; é o paradigma de construção de conhecimento de história das instituições educativas. Funciona como uma dialética entre a memória e a organização de um pensamento; dá representatividade; confere identidade e espelha a instituição.

4. DEFINIÇÃO DA TEMÁTICA E TÍTULO DA TESE

Feito o trabalho prévio (bem antes de o processo de inventariação estar terminado) foi-me possível definir o caminho a seguir e formular as grandes linhas de rumo da investigação. O título da tese surgiu bem cedo e bem centrado na Obra e no Fundador.

Nem todas as interrogações tiveram resposta. O certo é que o resultado desta investigação é fruto da recolha, análise e reflexão de uma grande variedade de materiais de proveniência diversa, memórias heterogéneas, muitos fragmentos dispersos, caligrafias inequívocas, testemunhos ditados pela emoção e pela racionalidade, e o reconhecimento de figuras e personalidades de variados quadrantes políticos e culturais. A multiplicidade de olhares e de materiais convergem para um ponto de encontro que dá unidade e coerência ao resultado final deste trabalho. Foi em torno da identidade desta Instituição e do seu percurso que esta tese se construiu.

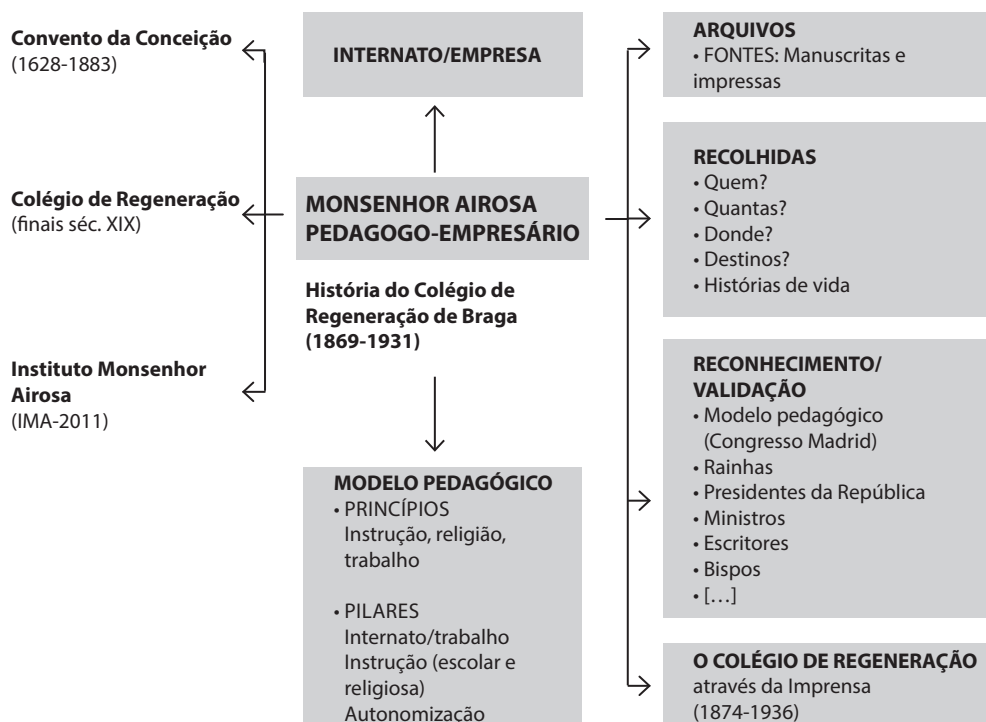


Fig. 5. Esquema sobre Monsenhor Airosa e Colégio de Regeneração de Braga
Fonte: Elaboração própria

5. FUNDAÇÃO DO COLÉGIO DE REGENERAÇÃO, EM 1869

A Instituição surge em Braga — pela iniciativa de um sacerdote, na segunda metade do século XIX, com a designação de *Casa de Abrigo*, para acolher jovens e mulheres adultas, vítimas de abuso sexual e de outros tipos de exploração feminina, num contexto de pobreza, que, nos finais do século, era um estigma que sufocava uma significativa percentagem da população desta região, assim como do resto do país. O Recolhimento não era nem foi uma fuga do mundo, mas uma forma criativa e inspiradora de reinserção, de regresso ao mundo e às coisas, uma *porta aberta para a vida*, como se pode constatar pelo modelo educativo/profissional que lhe subjaz.

6. A INSTALAÇÃO DO COLÉGIO DE REGENERAÇÃO

Um dos grandes problemas que sempre se colocam a uma instituição é o espaço necessário e adequado para a instalação e desenvolvimento das suas atividades.

Depois de instalações provisórias e precárias de que se serviu, no início, nos arredores da cidade, o fundador e a equipa dirigente, após a institucionalização obtida através de estatutos aprovados pela Igreja e pelo Estado, em 1874, viram-se confrontados com a procura muito elevada, em muito pouco tempo, crescendo exponencialmente em admissões, tendo, por isso, necessidade de procurar instalações mais amplas para responder aos apelos que lhes chegavam.

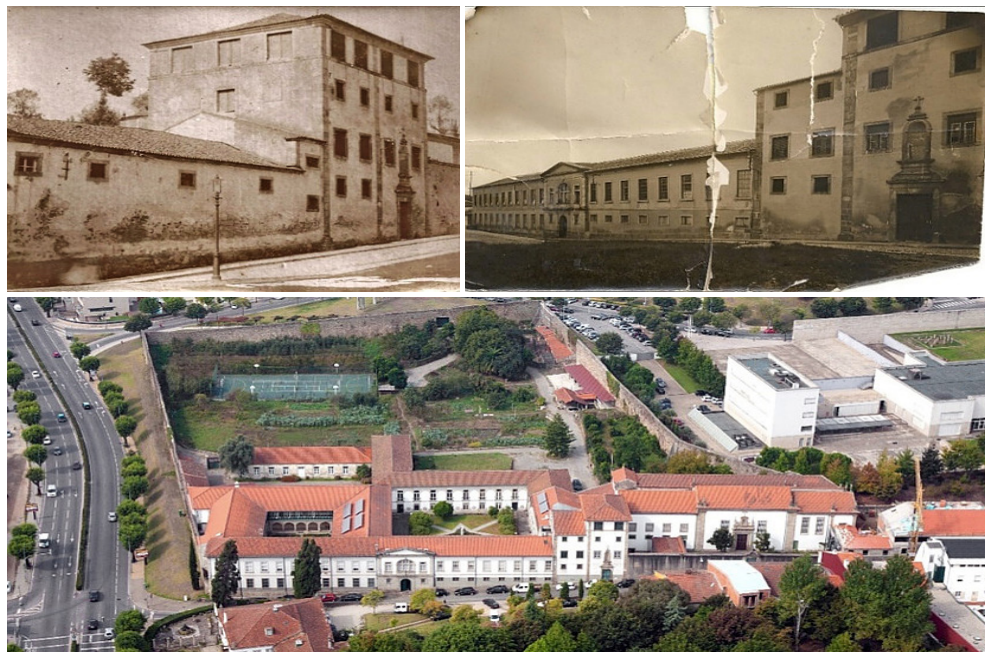


Fig. 6. Aspectos do antigo Convento e vista atual do Instituto Monsenhor Airosa
 Fonte: Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airosa

Assim, a instalação definitiva desta obra aconteceu num velho e arruinado edifício conventual, bem perto do centro histórico da cidade de Braga, graças à intervenção do poder político da época que, desde o início, reconheceu mérito à obra nascente¹². A sua reabilitação e adaptação, mediante o contributo de dádivas da sociedade braca-rense, permitiu-lhe criar espaços adequados para a sua expansão.

7. AS COLEGIAIS E HISTÓRIAS DE VIDA

Esta instituição educativa, com objetivos muito específicos, em regime de internato, alia a instrução ao trabalho e à «formação profissional» numa relação e coabitação estreita com valores morais e religiosos, onde a colegial (recolhida) se recupera e transforma para retornar ao complexo mundo que para ali a lançou. Mas regressa com as «armas» da instrução e do hábito do trabalho, que lhe permitem a autonomia, e fortalecida com os princípios básicos de uma formação que tinha em vista a perseverança, ou seja, a vontade de manter firme a orientação da meta a alcançar.

Quem são? Quantas são? Onde vieram? Quanto tempo permaneceram na instituição? Que destinos? Estas são algumas das questões a que tentamos dar resposta, através dos dados em arquivo.



Fig. 7. Grupo de Internas e Alunas da Oficina Externa de Tecelagem (século XIX)
Fonte: Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airosa

¹² O Convento/Mosteiro da Conceição, da Ordem das Concepcionistas, foi fundado em Braga, em 1628, e extinto em 1834 pelo Decreto da Extinção das Ordens Religiosas do então ministro da Justiça Joaquim António de Aguiar. Tratando-se de uma Ordem feminina, foi permitido que o Convento continuasse a ser habitado pelas religiosas, à altura existentes, até à morte da última. Nessa altura, os seus bens seriam secularizados e incorporados na Fazenda Nacional. Todavia, o edifício do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Braga foi um dos poucos que não passaram para a Fazenda Nacional. Graças ao grande empenho do Governador Civil e de outros políticos, o edifício conventual, com a cerca e suas dependências, foi concedido ao Colégio de Regeneração pela lei promulgada em 19 de maio de 1880. A posse efetiva, porém, só ocorreria em 1883, após a morte da última religiosa.

8. MODELO PEDAGÓGICO

O Padre Airosa partiu dos princípios fundamentais da dignidade humana que estão consignados nos Estatutos e nos Regulamentos e corporizados no modelo pedagógico inovador, muito simples, que passava pela instrução, pela religião e pelo trabalho, em regime de internato. No internato se aprende a competir, interagir e cooperar, a cumprir e respeitar regras, a definir espaços e tempos, a fazer amizades, a praticar a solidariedade e a resolver conflitos, a mostrar iniciativas, habilidade e coragem. É um ambiente favorável para o desenvolvimento motor, emocional e psicossocial.

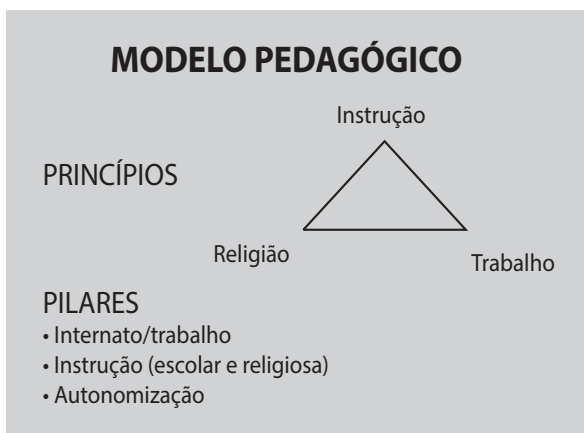


Fig. 8. Modelo pedagógico
Fonte: Elaboração própria

O modelo pedagógico adotado, simples na sua estrutura, era um modelo disciplinador, muito exigente e causava algum sofrimento pelas ruturas que exigia, pela auto-disciplina que impunha e pelo autodomínio que levava à autossuperação.

Entendia que a instrução, que fazia parte da formação integral, era essencial para libertar as pessoas do determinismo social em que viviam, e com os poucos meios de que dispunha conseguiu levar à prática aquilo que os teóricos propunham, mas que o Estado não concretizou.

A religião, neste caso a religião cristã, representava os valores morais. Apelava às narrativas bíblicas e hagiográficas que apresentam um conjunto de figuras femininas propostas como modelos a imitar. A mensagem cristã é essencialmente libertadora de toda a forma de discriminação e opressão porque reconhece a igualdade entre homem e mulher.

O trabalho é um dos outros pilares do programa educacional do Padre Airosa e é encarado na dupla perspetiva pedagógica da sustentabilidade e da empregabilidade, revelando também que o seu mentor era um homem de ação. Instrução e trabalho eram inseparáveis, pois o trabalho desenvolve o pensamento, o pensamento lógico e inteligente. O grande objetivo era preparar as pessoas para uma vida autónoma.

9. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO COLÉGIO DE REGENERAÇÃO

O trabalho era encarado como o grande fator educacional na preparação para o desempenho de uma profissão que lhes pudesse garantir ou, pelo menos, facilitar o emprego. Uma das primeiras preocupações recaía sobre a aprendizagem de todas as tarefas domésticas — a culinária e serviço de mesa, a lavagem e engomagem de roupa e o arrumo de casa. O ensino, com características profissionalizantes, incluía uma grande diversidade de oficinas, com a introdução de máquinas de tipo industrial, ao nível das melhores utilizadas na indústria portuguesa da época. Tipo de atividades: corte e costura, bordados, tecelagem, desenho industrial e ornato, sapataria, agricultura, horticultura, floricultura e criação de animais.



Oficina de costura e bordados



Engomadeiras/Engomadoria



Oficina interna de tecelagem



Lavadouro



Oficina de sapataria



Desenho industrial e ornato



Trabalho no quintal



No jardim... colhendo camélias



Estábulo dos suínos

Fig. 9. Atividades desenvolvidas no Colégio
Fonte: Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airosa

Os teares foram sempre «a menina dos olhos» do Padre Airoso que «envergando a blusa de tecelão se fez aprendiz e praticante dessa arte» nas fábricas Jacquard, em Lyon, onde se tornou mestre.

A validade do modelo pedagógico do Colégio de Regeneração revela-se muito no reconhecimento do valor e perfeição dos trabalhos aí executados¹³.

Entre 1882 e 1926, o Colégio esteve presente em muitas e diversas exposições, no país e no estrangeiro, onde colheu muitos elogios e prémios valiosos, que a imprensa nacional devidamente registou. A Casa Real por diversas vezes visitou o Colégio e aí adquiriu peças produzidas nos seus teares¹⁴.



Fig. 10. Diploma d'Honra (Paris, 1889) e Diploma e Medalha de Prata (Porto, 1897)

Fonte: Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airoso

Os trabalhos de tecelagem do Colégio estiveram presentes na Exposição Universal de Paris, em 1889, por ocasião da inauguração da Torre Eiffel, onde alcançou um *diploma d'honra e medalha*, que ainda hoje o Instituto conserva.

Em 1892, o modelo pedagógico adotado foi alvo de uma comunicação de Bernardino Machado ao Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano, de Madrid, que foi palco de um amplo debate educativo dos finais do século XIX¹⁵. Nele participaram 16 países, com um total de 2292 participantes, sendo 530 mulheres. O debate andou muito em torno do papel social, político e económico da Mulher e da sua emancipação económica e jurídica.

¹³ O Colégio de Regeneração, como se pode constatar pelos impressivos e eloquentes testemunhos exarados nos seus *Livros de Visitantes*, foi visitado pelas mais variadas personalidades entre as quais se contam políticos da Monarquia e da República, eclesiásticos, homens de Letras e estadistas.

¹⁴ Aí estiveram as rainhas D. Maria Pia, D. Amélia e o príncipe D. Luís Filipe. O enxoval de nascimento do príncipe D. Luís Filipe, em 1887, foi aqui confeccionado.

¹⁵ Bernardino Machado publicou o texto da sua intervenção no Congresso de Madrid, na Imprensa da Universidade de Coimbra, em 1892, com o título: *Collegio de Regeneração em Braga pelo Padre João Ferreira Airoso*. O Padre Airoso, por sua vez, publicou em Braga, em outubro de 1892, o texto completo que enviara a Bernardino Machado, com o seguinte título: *Memoria do Collegio de Regeneração apresentada no Congresso Pedagógico de Madrid em Outubro de 1892*.

10. O PADRE JOÃO AIROSA — FUNDADOR DO COLÉGIO DE REGENERAÇÃO (1836-1931)

Personagem multifacetada. Empreendedor. Pioneiro. É numa pluralidade de sentidos que a história de vida de Monsenhor Airoso se desenvolve, devido à multiplicidade de atividades e diversidade de contactos em que ele se moveu. Viveu sempre uma vida simples, humilde e recatada, e num permanente despojamento, sem se julgar com direito a reconhecimentos públicos. Rejeitou condecorações. Viveu em permanente tensão. Abraçou uma causa e a ela se dedicou, quase em exclusividade, numa entrega plena aos mais desfavorecidos da sorte, dando-lhe todo o tempo da vida, o seu saber, o seu amor e os seus bens temporais.



Fig. 11. As Comissões do Sarau da Caridade na entrega do produto final
Fonte: «Correio do Minho», 8 de julho de 1927

Construir a sua história de vida implica conhecer e reviver os múltiplos itinerários daqueles que com ele se cruzaram — os simples da sociedade, os políticos, a nobreza, os benfeitores, os visitantes, os homens da imprensa, as senhoras da Direção, as religiosas ao serviço do Colégio e, sobretudo, as «recolhidas» com as suas histórias de vida e testemunhos. As duas dimensões — vida e obra — não podem ser entendidas como uma divisória estanque. O homem confunde-se com a obra. E o pós-morte do biografado torna-se tão significativo quanto o seu período de vida, pelos traços que deixou e pelas múltiplas flutuações na consciência coletiva, sob todas as formas de expressão.

11. RECONHECIMENTO DE BRAGA

As gentes de Braga, de todos os estratos sociais, estiveram sempre ao seu lado. Bem integrado na sociedade civil do seu tempo, com a colaboração de todas as pessoas de boa vontade e socorrendo-se dos políticos influentes, o Padre Airoso promoveu uma onda

de solidariedade, através de benfeitores e visitantes, cativou industriais e a imprensa, formou uma direção com um grupo de senhoras influentes e com capacidade de liderança, agregou um grupo mais alargado de senhoras da alta sociedade do Porto e Lisboa para apadrinhamento da obra de modo a poder proporcionar um novo rumo de vida a quem lhe pedia apoio.



Fig. 12. As elites de Braga ao lado de Monsenhor Airosa
Fonte: «Correio do Minho», 8 de julho de 1927

12. RECONHECIMENTO NACIONAL

Reconhecimento manifestado em vida e depois da morte. Granjeou a estima e admiração da família real reinante, de monárquicos e republicanos, de nobres e plebeus, presidentes da República, ministros e deputados, padres e bispos, cardeais e núncios apostólicos que deixaram gravados os seus impressionantes testemunhos nos Livros de Honra da Instituição. O Homem e a obra foram alvo da atenção da Imprensa e dos homens de Letras como Ramalho Ortigão, Antero de Figueiredo, João Grave¹⁶ e Campos Monteiro. A figura de Monsenhor Airosa foi, ao longo de mais de 50 anos, motivo de notícias, crónicas e biografias. Foi reconhecido pelo poder público, mas rejeitou condecorações em troca de subsídios para o Colégio.

¹⁶ João Grave — poeta, romancista, bibliógrafo e jornalista, diretor da Biblioteca Municipal do Porto, membro da Academia das Ciências de Lisboa e autor de vários livros — elegeu o Padre Airosa e a sua obra para tema de fundo do seu romance *Reflorir*, onde na sua ficção há muito de realidade nas personagens da sua trama. O título da obra é, já em si, simbólico, porque na semântica do vocábulo «reflorir» está o florir de uma nova vida, o renascer, o voltar a ter alegria de viver.



Fig. 13. Imprensa
Fonte: Arquivo/Biblioteca do Instituto Monsenhor Airosa

13. TESE

O resultado desta investigação é fruto da recolha, análise e reflexão de uma grande variedade de materiais de proveniência diversa, memórias heterogêneas, muitos fragmentos dispersos, caligrafias inequívocas, testemunhos ditados pela emoção e pela racionalidade, e o reconhecimento de figuras e personalidades de variados quadrantes políticos.

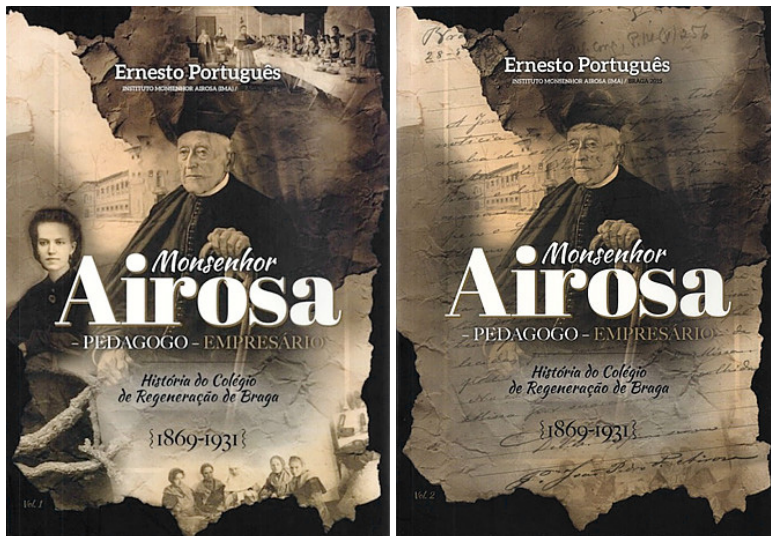


Fig. 14. Tese de Doutoramento (2 vols.), Universidade de Lisboa – abril 2015. Braga – dezembro 2015
Fonte: PORTUGUÊS, 2015

Usei, preferencialmente, a escrita que fixa a memória, mas não desprezei as memórias orais que contêm também formas de sabedoria. As pedras e os espaços evocam histórias. O claustro seiscentista e a portaria conventual, a igreja e a cerca evocam histórias monacais do passado, mas são também um documento perene de muitas histórias de quem, na segunda vida desses espaços, procurou aquele porto de abrigo para dar um novo rumo à sua vida. É importante saber ouvir os lugares, escutar as pessoas que os habitaram ou que, em silêncio, sobre eles atuaram. A multiplicidade de olhares e de materiais converge para um ponto de encontro que dá unidade e coerência ao resultado final deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Colégio de Regeneração de Braga é uma instituição secular, cujo campo de intervenção transcendeu os limites da cidade e cuja missão educativa, dando curso a uma escola-oficina em regime de internato, constituiu motivo de apreciação e mérito por parte de prestigiados especialistas e pela opinião pública, em geral.

Estamos perante a história de uma instituição que, pelo seu caráter inovador e pelas repercussões, bem pode ser considerada como um marco na História da Educação em Portugal.

Ao longo do século XX, esta instituição continuou a sua ação social e educativa ao serviço das pessoas mais desfavorecidas e desprotegidas da sociedade, recebendo jovens provenientes de todo o país.

Ao perfazer o centenário tomou o nome do Fundador — Instituto Monsenhor Airosa (IMA) — prosseguindo a sua ação — agora como Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) — e continuando a merecer a mesma confiança da parte das instâncias estatais e da sociedade civil.

A Instituição acolhe, no presente, 60 jovens e mulheres, mediante acordo com a Segurança Social, distribuídas por três grupos, em espaços diferenciados: Lar de Crianças e Jovens (até aos 19 anos); Lar Residencial (19-60 anos); e Lar de Terceira Idade (10 utentes).

Fiel aos seus princípios, foi adaptando o seu projeto educativo aos tempos e às circunstâncias, renovando instalações, adquirindo equipamentos e introduzindo novas metodologias que passaram pela admissão de educadoras sociais e psicólogos, bem como frequência da escola pública e a criação de um apartamento de pré-autonomia dentro das instalações do IMA.

E, na senda do passado, continua a ser alvo das atenções da imprensa e de alguns estudiosos da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo e da Universidade Católica, tendo sido já matéria de dissertações de mestrado nas Universidades do Minho e do Porto.

BIBLIOGRAFIA

- AIROSA, Padre João Pedro Ferreira (1892). *Memoria do Collegio de Regeneração apresentada no Congresso Pedagógico de Madrid em Outubro de 1892*. Braga: Imprensa Independente.
- ALMEIDA, Sílvia Maria Leite de (2005). *Memória, documento e arquivo: apontamentos para uma história das instituições educativas*. «Revista da FAEEDA – Educação e Contemporaneidade». Salvador: Universidade do Estado da Bahia. 14:24, 21-30.
- ARAÚJO, Manuel (1932). *Indústrias de Braga: Notas d'um jornalista*. Braga: Tipografia «Pax».
- BARROS, Fátima (2007). *Arquivos históricos nos dias de hoje: Aliciantes desafios, múltiplos papéis*. In *Actas do 9.º Congresso BAD, 2007*. Publicação em CD.
- BATISTA, Virgínia do Rosário (1999). *As mulheres no mercado de trabalho em Portugal: representações e quotidianos (1890-1940)*. Lisboa: CIDM.
- BISQUERRA ALZINA, Rafael (1989). *Métodos de Investigación Educativa. Guia Práctica*. Barcelona: CEAC.
- BOLÍVAR, Antonio *et al.* (2001). *La investigación biográfico-narrativa en educación. Enfoque y metodología*. Madrid: Editorial La Muralla, S. A.
- BONATO, Massimo (2011). A Micro-História e a Metodologia Qualitativa de Pesquisa. *Revista Brasileira de História das Religiões*. III:9. Disponível em <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>.
- BORJA AGUINAGALDE, F. (2013). *Archivos de familia y archivos domésticos. Treinta años de experiencias*. Gobierno Vasco: Departamento de Educación. Comunicação apresentada na Fundação Casa de Mateus, em 1 de junho de 2013.
- BOURDIEU, Pierre (1986). *L'illusion biographique*. «Actes de la recherche en sciences sociales». 62-63 (juin) 69-72.
- CERTEAU, Michel de (2011). *A escrita da História*. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- CORBIN, Alain (1978). *Les filles de noce. Misère sexuelle et prostitution aux 19^e et 20^e siècles*. Paris: Aubier.
- DEWEY, John (2004). *Democracia y educación: Una introducción a la filosofía de la educación*. 6.ª ed. Madrid: Ediciones Morata.
- DOSSE, François (2009). *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FREITAS, Bernardino José de Sena (1890). *Memórias de Braga*. Braga: Imprensa Católica. 5 vols.
- GOMES, Ângela de Castro, org. (2004). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- GRAVE, João (1914). *Reflorir*. Porto: Livraria Chardron.
- LEVI, Giovanni (1989). *Les usages de la biographie*. «Annales ESC». 44:6, 1325-1336.
- LORIGA, Sabina (1998). *A biografia como problema*. In REVEL, Jacques, org. *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, pp. 225-249.
- MACHADO, Bernardino (1892). *Collegio de Regeneração em Braga pelo Padre João Ferreira Airoza*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- MAGALHÃES, Justino (1998). *Uma história das instituições educativas*. In PORTUGUÊS, Ernesto *Seminário de Nossa Senhora da Conceição. Braga. Aspectos Histórico-Pedagógicos*. Braga: Oficina de S. José, pp. 9-21.
- MAGALHÃES, Justino (2004). *Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- MAGALHÃES, Justino (2007). *A construção de um objecto do conhecimento histórico. Do arquivo ao texto – A investigação em história das instituições educativas*. «Educação Unisinos». São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 11:2, 69-74.
- MARTINS, Ernesto Candeias (2012a). *Proteção Social e Educação de Menores. O Padre António Oliveira (1867-1923)*. Lisboa: Editora Cáritas.

- MARTINS, Ernesto Candeias (2012b). *Criminalidade, Geração e Educação de Menores. Seleção de textos da obra do Padre António d'Oliveira (1867-1923)*. Lisboa: Editora Cáritas.
- MATTOSO, José (2012). *Levantar o céu. Os labirintos da sabedoria*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de (2011). *Escrever vidas, narrar a história: A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- OLIVEIRA, Padre António de (1918). *Criminalidade. Educação*. Paris; Lisboa: Livraria Aillaud; Livraria Bertrand.
- OLSON, David R. (2005). *L'école entre institution et pédagogie*. Paris: Retz.
- PORTUGUÊS, Ernesto (1998). *Seminário de Nossa Senhora da Conceição. Braga. Aspectos Histórico-Pedagógicos*. Braga: Oficina de S. José.
- PORTUGUÊS, Ernesto (2010). *Cadernos de contas de um barbeiro. Memórias de Monção*. Monção: Câmara Municipal de Monção.
- PORTUGUÊS, Ernesto (2011). *Da Casa d'Abrigo e Colégio de Regeneração à morte de Monsenhor Airosa (1869-1931)*. In PORTUGUÊS, Ernesto, coord. *Do Convento ao Instituto. Portas para a Vida*. Braga: Instituto Monsenhor Airosa, pp. 179-229.
- PORTUGUÊS, Ernesto (2015). *Monsenhor Airosa – Pedagogo-Empresário. História do Colégio de Regeneração de Braga – 1869-1931*. Braga: Instituto Monsenhor Airosa. Tese de doutoramento. 2 vols.
- SILVA, Armando Malheiro da (2009). *Arquivologia e Gestão da Informação/Conhecimento*. «Informação & Sociedade: Estudos». João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 19:2, 47-52.
- SILVA, Armando Malheiro da (2013). *A gestão da informação arquivística e suas repercussões na produção do conhecimento científico*. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10216/22537>>.
- TORRES, Alberto Pinheiro (1905). *Memória Histórica do Colégio de Regeneração de Braga*. 2.^a ed. Braga: Tipografia a Vapor de J. M. de Sousa Cruz.
- VIEIRA, Lucas Schuab (2013). *A Imprensa como Fonte para a Pesquisa em História: Teoria e Método*. Disponível em <www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-lucas-2013-imprensa-fonte-pesquisa.pdf>.

